

‘Eu sou várias vozes, várias interrogações’

Portuguesa Carminho traz ao Vivo Rio a turnê de lançamento de seu álbum mais arrojado

AFFONSO NUNES

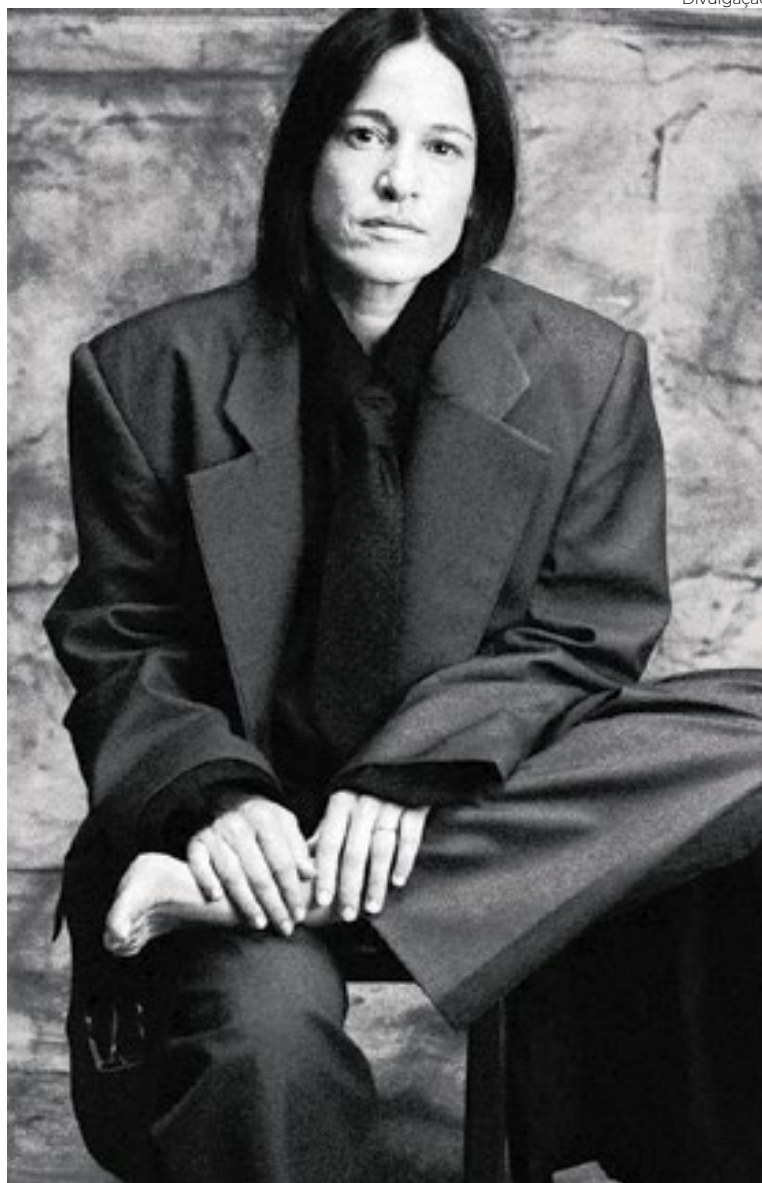
O vocoder não costuma frequentar o fado. Tampouco o cristal baschet ou as ondas martenot — instrumentos que parecem ter escapado de um laboratório eletrônico. Mas é esse o território sonoro que Carminho adotou em “Eu Vou Morrer de Amor ou Resistir” (Sony Music), sétimo álbum de sua carreira, gravado em Lisboa e lançado em outubro passado. Nesta sexta (21), a fadista chega ao Vivo Rio com a turnê do disco, num espetáculo de cenografia inédita que apresenta ao público brasileiro sua obra mais arrojada.

De oito das onze faixas, ela é autora. O repertório mergulha em poemas ambíguos e sentimentos plurais para expandir o fado sem romper com suas raízes. “Busquei em poemas mais ambíguos e em sentimentos mais plurais o meu interesse na interpretação”, afirma. A poeta Ana Hatherly (1929-2015) inspira “Balada do país que dói”, na qual guitarra portuguesa, melotron e vocoder — operado pela própria Carminho — costumam tradição e experiência sonora. Em “Saber”, Laurie Anderson sussurra

versos em inglês sobre a poesia de Hatherly, criando um contrapon-to entre duas vozes e dois idiomas. “Sofrendo da alma”, sobre versos de Amália Rodrigues, ancora o disco na matriz do gênero. E “Canção à ausente”, de Pedro Homem de Mello, canta a espera e a ausência amorosa.

“Não é uma necessidade de mudança, nem uma pretensão de mudar o fado”, revela a cantora. “Procuro algo que eu goste de ouvir e que continue a fazer sentido para mim, dentro do gênero musical que é o meu. Existe essa adrenalina de procurar os limites da linguagem”, completa.

Como registramos aqui no Correio quando o álbum saiu, o título nasceu de um poema de Antônio Campos Monteiro, encontrado entre manuscritos que Carminho recebeu de Beatriz da Conceição. “Esse poema traz a ambiguidade que eu procurava e a vertigem que me encantou nesta ideia de que se morre muito de amor no fado, mas há sempre a hipótese de resistir”, disse então. “Eu sou várias vozes, várias interrogações. É importante que não haja uma só verdade dentro de nós.” O disco surge na continuidade de “Portuguesa” (2023) e “Maria”



Divulgação

Carminho: ‘Busquei em poemas mais ambíguos e em sentimentos mais plurais o meu interesse na interpretação’

(2019), álbuns nos quais, segundo a fadista, surgiram perguntas e a vontade de explorar regiões de sonoridade que o fado tradicional

ainda não tinha visitado. Conta ainda com a participação de Mário Laginha.

A presença feminina atravessa o

trabalho de ponta a ponta. Carminho reconhece a influência da mãe, Teresa Siqueira, de Beatriz da Conceição, Amália Rodrigues, Wendy Carlos e Annette Peacock — mulheres cujas vozes e trajetórias abriram caminho. “Neste trabalho, fui muito inspirada pela mulher, pela ideia de que a mulher ocupa um lugar central como intérprete, mas que existem muitas narrativas paralelas, mesmo ambíguas, dentro da própria mulher”, afirmou ao lançar o disco. “Ao continuar nessa jornada, por si só, a voz feminina já é um ato de resistência.”

A ligação com o Brasil permanece intensa. No repertório do show, “Sabiá”, de Tom Jobim e Chico Buarque, convive com “Chuva no Mar”, dueto com Marisa Monte. A admiração pela nova geração da MPB é declarada: Agnes Nunes, Marina Sena, Ana Frango Elétrico, Dora Morelenbaum, Silva, Tim Bernardes, Jota-pê e Zé Ibarra — “Há muita gente fazendo um trabalho muito bonito.” Do público brasileiro, diz: “É um público muito carinhoso, fiel, que se expressa imensamente. Uma das maiores alegrias que tenho ao saber que vou tocar no Brasil é me reencontrar com muitos amigos.”

SERVIÇO CARMINHO

Vivo Rio (Av. Infante Dom Henrique, 85 — Parque do Flamengo) | 21/8, às 21h
Ingressos entre R\$ 80 a R\$ 320

Kleiton, kledir... e Vitor

Irmãos Ramil estreiam no Rio o show que celebra seus sucessos, memórias e ecos dos Beatles

Kleiton Ramil, o mais velho, amava os Beatles bem mais do que os Rolling Stones. Kledir, logo atrás, seguia o mesmo instinto. Vitor, o caçula, nasceu em 1962, quando o quarteto de Liverpool já estava em cena há dois anos, herdou a devoção. Não por acaso, “You’ve Got to

Hide Your Love Away”, de Lennon e McCartney, figura no repertório do encontro que os três irmãos promovem neste sábado (22), às 21h, no Vivo Rio — a primeira vez que sobem ao palco como trio na cidade.

Nascidos em Pelotas (RS), os Ramil integram uma das famílias mais musicais do país. Kleiton e Kledir iniciaram a trajetória discográfica em 1975, com a banda Almôndegas, marco fundamental do pop gaúcho. Vitor, ainda adolescente nesse tempo, dava os primeiros passos como compositor dentro de casa, entre ensaios e canções que moldavam o ar que respiravam.

O espetáculo celebra os 50 anos



Divulgação

O caçula Vitor e os irmãos Kleiton e Kledir: álbum ao vivo chega em setembro

desse início — e traduz, em vozes, violões, violas, violino e cuatro venezolano, a herança afetiva e artística de quem cresceu ouvindo Crosby, Stills and Nash, Cat Stevens, Simon and Garfunkel, além da música popular brasileira e das sonoridades

que chegavam além-fronteira, uruguaias e argentinas.

A turnê começou em junho de 2025, no Auditório Araújo Vianna, em Porto Alegre, passou por Pelotas e Belo Horizonte, e em março deste ano voltou à capital gaúcha para registrar o show em álbum e audiovisual, com lançamento previsto para setembro pela Biscoito Fino. O

repertório passeia pela fase dos Almôndegas, revisa sucessos da dupla Kleiton & Kledir — como “Deu pra Ti” e “Roda de Chimarrão” — e entrelaça o cancionário de Vitor, autor de “Estrela, Estrela” e “Foi no Mês que Vem”, canções já gravadas por Mercedes Sosa, Gal Costa, Milton Nascimento, Ney Matogrosso, Jorge Drexler e Adriana Calcanhotto, entre outros.

Mais recentemente, os três também partilharam o palco no projeto Casa Ramil, que reuniu filhos e sobrinhos — Ian, Gutcha, Thiago e João — em show e disco primoroso. O ritmo criativo do clã segue intenso, geração após geração.

SERVIÇO KLEITON, KLEDIR E VITOR RAMIL

Vivo Rio (Av. Infante Dom Henrique, 85 — Parque do Flamengo) | 22/8, às 21h
Ingressos entre R\$ 110 a R\$ 380